

## 5. Considerações Finais

A preocupação central deste trabalho foi apresentar o problema da continuidade histórica como uma questão fundamental e atual no debate da teoria da história. Isto porque pensar sobre o problema da continuidade histórica é refletir acerca da relação entre presente, passado e futuro, considerando o atributo da contingência que marca a vida na época moderna. Assim sendo, ao tomarmos como objeto de análise as perspectivas de Burckhardt e de Hegel, se pretendeu compreender posturas modelares e díspares das alternativas geradas no enfretamento da questão da contingência. Das propostas de história destes autores resultam duas concepções de história diversas e, ao mesmo tempo, fundamentais para a reflexão no campo da teoria da história.

Esse debate, entretanto, não seria possível sem antes estabelecer um quadro de surgimento destas novas formas de pensar a história. Para isso, foi fundamental o uso das categorias koselleckianas de espaço de experiência e horizonte de expectativas apresentadas no início da tese. Com elas foi possível refletirmos sobre a reavaliação da relação dos homens com o passado decorrente na era moderna, sobretudo após a eclosão da Revolução Francesa e dos acontecimentos que a sucederam. Neste época, o topos da *Historia Magistra Vitae* que compunha a base para as formulações históricas não se mostrava satisfatório: olhar o passado para compreender o presente e, em certa medida, prever o futuro já não era tarefa possível. Os elos da cadeia histórica haviam se rompido de tal maneira que para encontrar no passado a ligação com o presente fazia-se necessário resignificar a experiência pretérita. Era preciso reestabelecer os laços de continuidade com o passado. Esse representava o desafio no campo da história na virada do século XVIII para o século XIX.

Foi neste contexto que eliminar a contingência da história universal se tornou o objetivo central da filosofia da história de Hegel. A história, como caminho para realização do espírito absoluto no mundo, não poderia conter elementos que aconteceram, mas não deveriam ter acontecido, ou seja, não poderia admitir o contingente. Como o objetivo da história é a realização do espírito, na filosofia da

história o passado deixa de ser o centro das preocupações e é sobre o futuro que recai a ênfase dos acontecimentos. Assim, tudo que aconteceu se deu porque era para ter acontecido, pois, em última instância, faz parte do plano divino para realização do espírito. Deste modo, todos os eventos dos passados têm em si um princípio que lhes antecede.

Para Burckhardt, a história não é lugar de conceitos *a priori*. Ao contrário, a singularidade dos eventos e sua imprevisibilidade são as marcas que a constituem. Por esse motivo, a contingência não pode ser eliminada do passado. Ser historiador para Burckhardt é lidar com o contingente. Toda metodologia proposta por ele para a história da cultura tem isto como pressuposto. Assim, ele se distanciava tanto do pensamento presente no cânone historiográfico de seu tempo, como do princípio chave da filosofia da história de Hegel. Foi deste modo que sua história da cultura se transformou em uma alternativa atual até o presente para a reflexão sobre a história.

Para encerrar, lembramos de uma frase de Nietzsche que sempre nos soou como um conselho aos historiadores: “Quando pensarem no fim, pensem também na contingência e na loucura.”<sup>1</sup>

\* \* \*

---

<sup>1</sup>Friedrich NIETZSCHE, “Fragmentos Póstumos e Aforismos”, in *op. cit.*, p.268.